

**As contribuições das tecnologias digitais para a internacionalização da
Educação Superior em casa e a construção da cidadania global**

*The contributions of digital technologies to the internationalization of Higher
Education at home and the construction of global citizenship*

Karen Graziela Weber Machado
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS
Pricila Kohls dos Santos
Universidade Católica de Brasília - UCB
Camila Schwanke Costa
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS
Porto Alegre-RS e Brasília-DF-Brasil

Resumo

O presente estudo objetivou analisar as contribuições das tecnologias digitais para a internacionalização da Educação Superior em casa e a construção da cidadania global. Esta investigação se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e, para a coleta de dados, utilizou-se um questionário online, sendo que a análise dos dados foi realizada por meio da análise textual discursiva. Com este estudo, foi possível constatar que as tecnologias digitais podem ser uma alternativa para favorecer a internacionalização da Educação Superior em casa, rompendo barreiras existentes entre as mais variadas instituições de Ensino Superior no mundo em que vivemos, possibilitando assim a construção de aprendizagens significativas por todos os estudantes.

Palavras-chave: Internacionalização da Educação Superior em casa; Tecnologias digitais; Cidadania global.

Abstract

The present study aimed to analyze the contributions of digital technologies to the internationalization of Higher Education at home and the construction of global citizenship. This research is characterized as a qualitative research and, for data collection, an online questionnaire was used, and data analysis was performed through discursive textual analysis. With this study, it was possible to verify that digital technologies can be an alternative to favor the internationalization of Higher Education at home, breaking the existing barriers between the most varied institutions of Higher Education in the world in which we live, thus enabling the construction of significant learning by all the students.

Keywords: Internationalization of Higher Education at home; Digital technologies; Global citizenship.

Introdução

As mudanças no mundo ocorridas, em diversas esferas nas áreas social, política, cultural, econômica e ambiental, caracterizam-se por variados níveis de complexidade. Neste sentido cabe à educação preparar indivíduos para se adaptar, enfrentar e responder às demandas, relacionadas às diferentes dimensões referidas, da sociedade vigente. Desta forma, aumenta-se a preocupação com o desenvolvimento do conhecimento, o qual é compreendido como o conjunto de informações, compreensão, habilidades, valores e atitudes adquiridos através da aprendizagem, sendo este elemento de fundamental importância para discutir a respeito do propósito da educação (UNESCO, 2016).

No contexto atual, a educação pode aproveitar o potencial das tecnologias digitais para melhorar o processo de ensino e de aprendizagem, pois o desenvolvimento destes recursos estimulou um aumento considerável no volume de informações e conhecimentos disponíveis, o que de fato favoreceu o acesso à informação em todo o mundo. Assim, as ferramentas digitais podem exercer um papel relevante em relação ao compartilhamento de conhecimentos e expertise a serviço do desenvolvimento sustentável e com um espírito de solidariedade. Para tanto, os espaços educativos ao considerar as vantagens das tecnologias digitais, devem pensarlas como um guia que possibilite aos estudantes, ao longo de seus percursos de aprendizagem, se desenvolver e avançar por meio do labirinto de conhecimentos em constante expansão (UNESCO, 2016).

Diante disso, percebe-se a necessidade da oferta de uma educação que favoreça o desenvolvimento de conhecimentos, competências, habilidades e atitudes capazes de contribuir para a resolução de problemas globais, o desenvolvimento do respeito mútuo e da solidariedade. De acordo com Santos e Giraffa (2017) é preciso imaginar um novo ambiente de aprendizagem, próprio de um contexto em que a informação está na palma das mãos, no qual seus participantes são desafiados e motivados a emitir opiniões para melhorar o processo, e ainda assim, contribuir para uma base de informações na qual sua premissa é o compartilhamento e a construção coletiva do conhecimento.

De acordo com a UNESCO (2016) o conhecimento é o fator crucial de qualquer discussão referente à aprendizagem, este pode ser compreendido como a maneira a

qual as pessoas e sociedades atribuem significando as suas experiências, e ainda, de modo mais amplo, como o conjunto de informações, compreensões, habilidades, valores e atitudes adquiridos mediante aprendizagem. O conhecimento está atrelado a diversos contextos - cultural, social, ambiental e institucional - onde é criado, reproduzido e desenvolvido. Uma vez que a construção social é uma via coletiva, torna-se importante pensar no contexto local e global como ambiente rico e fomentador da aprendizagem colaborativa, o que é facilitado pelo uso das tecnologias digitais que podem conectar pessoas dispersas fisicamente, mas com interesses em comum.

Diante disso, vale salientar que a educação de qualidade, mais contextualizada e colaborativa, é imprescindível para possibilitar às pessoas a adaptação às mudanças ambientais, sociais e econômicas tanto no âmbito local quanto global. A aprendizagem também deve ter por finalidade o empoderamento e o desenvolvimento de capacidades para efetuar as transformações sociais necessárias. Nessa perspectiva, a educação tem uma importante missão a realizar, ou seja, promover a transformação da mentalidade e da visão de mundo dos indivíduos; o desenvolvimento de pensamento crítico, debate, e das capacidades indispensáveis para ampliar as oportunidades das pessoas viverem significativamente e com respeito à igualdade e à dignidade (UNESCO, 2016).

Na atualidade, a Educação Superior tem um grande desafio e este, por sua vez, está relacionado a proporcionar conhecimentos indispensáveis aos estudantes, bem como o desenvolvimento de uma visão mais ampla de mundo, de competências e habilidades voltadas para atuarem em qualquer parte do planeta e/ou se comunicarem com diversas pessoas (profissionais, fornecedores, clientes, colegas de trabalho...), as quais podem estar em qualquer região do mundo.

Nesse contexto, consideramos necessário discutir sobre o conceito de internacionalização da Educação Superior. Segundo Wit (2002) a internacionalização da Educação Superior é compreendida como qualquer atividade (teórico-prática) sistemática que objetive tornar a Educação Superior mais respondente às exigências e desafios vinculados à globalização da sociedade, da economia e do mercado de trabalho. Ou seja, este tipo de internacionalização vincula-se com a capacidade do saber intelectual romper barreiras a nível nacional. De acordo com a CAPES (2017) a

internacionalização se refere a um processo amplo e dinâmico, o qual envolve ensino, pesquisa e prestação de serviços para a sociedade, sendo um recurso capaz de tornar a Educação Superior mais responsiva aos requisitos e desafios de uma sociedade globalizada.

O processo de internacionalização tem o potencial de modificar as vidas de estudantes e tem um papel essencial para a ciência por intermédio da intensa troca de conhecimento acadêmico, o que pode permitir a construção de capacidades sociais e econômicas. A internacionalização é pode ser desenvolvida amplamente, mediante a mobilidade de estudantes e professores, a troca de ideias, a integração da dimensão internacional ao ensino, pesquisa e extensão. Sabe-se que, no Brasil a maneira mais conhecida de ocorrer a internacionalização da educação é por meio do intercâmbio tanto de pesquisadores, quanto de estudantes. Desta forma, os mesmos passam a ter condições de adquirirem uma educação mais global, preparando-se para novos conhecimentos, participar de outra cultura e agir no mundo.

Por outro lado, sabe-se que a mobilidade acadêmica é uma oportunidade para poucos estudantes, pois, devido aos altos custos financeiros, as instituições de ensino brasileiras não podem contemplar a todos os interessados. Em vista disso, acreditamos que é fundamental adotar alternativas para que a internacionalização se desenvolva no âmbito do nosso país, isto é, “em casa”, proporcionando aos estudantes oportunidades para desenvolverem as competências interculturais de que precisam. De acordo com Santos (2020) a internacionalização oportuniza “experiências que podem enriquecer nossos estudantes com outras visões de mundo, possibilitando diferentes horizontes sobre o seu curso e formação e sobre suas perspectivas de futuro” (Santos, 2020, p. 219).

Assim, a internacionalização em casa é um meio para a formação do cidadão global, qualificando os processos de ensinar e aprender para além dos espaços formais de educação e visando a formação, ao longo da vida, de um cidadão, um profissional para atuar eticamente na sociedade. Para isso, é indispensável que a educação promova uma formação que considere questões vinculadas a ética para que seja possível construir um novo homem e uma nova sociedade. Sendo assim, torna-se relevante educar os estudantes para que assumam o compromisso ético da construção de uma realidade cada vez mais justa e equitativa, tendo como propósito o

desenvolvimento de futuras gerações capazes de contribuir para um mundo melhor para todos (JOHANN, 2009).

Tendo em vista as questões referidas, o presente trabalho objetiva investigar como as tecnologias digitais podem contribuir para a internacionalização da Educação Superior em casa e a construção da cidadania global.

Tecnologias digitais na educação

Compreende-se que a mobilidade acadêmica pode beneficiar os estudantes com a obtenção e/ou aprimoramento de conhecimentos referentes à determinada língua estrangeira, cultura, religião, política e formas de trabalho, através de um sistema acadêmico, sociedade e cultura diferentes.

Entretanto, sabemos que a oportunidade de realizar a mobilidade é restrita a poucos acadêmicos, pois vários fatores podem impedir que a mobilidade acadêmica de fato aconteça, como, por exemplo, a falta de recursos financeiros, a falta de informação, a falta de coragem, o fato de não ter direito ao afastamento do trabalho, o medo de se ausentar do trabalho e de deixar a família por um período de tempo, a falta de fluência em outros idiomas.

Desse modo, é importante ressaltar que, segundo Beelen e Jones (2015), soluções baseadas em tecnologia podem garantir acesso igual a oportunidades de internacionalização para todos os alunos. Isto significa que as tecnologias podem auxiliar no desenvolvimento das aprendizagens dos acadêmicos que por algum motivo não puderam realizar a mobilidade acadêmica. Para Santos (2020, p. 219) “as tecnologias digitais possibilitam a internacionalização na Educação Superior em casa ou ainda a internacionalização do currículo. Por meio da educação online diferentes oportunidades para o desenvolvimento de competências interculturais”.

Ainda assim, é importante ressaltar que viajar a outros países, participar de programa de mobilidade e residir no exterior, conviver com pessoas de diferentes culturas e línguas, não significam exatamente o mesmo que vivenciar o contato com outros países e outras culturas à distância, online. Não são as mesmas oportunidades, mas podem ser semelhantes e benéficas, cada uma a seu modo. Apesar disso, torna-se necessário que as instituições de Ensino Superior cooperem e pensem em alternativas para que a internacionalização da Educação Superior em casa se desenvolva, assim,

todos os estudantes poderão ampliar os seus conhecimentos, de modo a qualificar a sua formação.

Em vista disso, entendemos que as questões mencionadas anteriormente se relacionam ao relato de Moran (2007, p. 11), ou seja, “A sociedade está caminhando para ser uma sociedade que aprende de novas maneiras, por novos caminhos, com novos participantes (atores), de forma contínua”. Assim, cabe salientar que na atualidade existem diferentes tipos de ferramentas digitais que podem contribuir para inovar e melhorar a experiência do estudante, tais como:

- ambientes virtuais de aprendizagem: plataformas e os MOOCs;
- ferramentas de comunicação: redes sociais (Email, Facebook, Google+, Youtube, Skype...);
- ferramentas de trabalho: editores de texto, apresentações, armazenamento, etc.

Siemens (2013) aborda que especificamente, os Massive Open Online Course (MOOC) se caracterizam por ser: massivo - porque envolvem centenas e milhares de estudantes, sendo esta uma oportunidade de formação de sub-redes pelos participantes, em torno de idioma, localizações geográficas, encontros físicos, espaços tecnológicos como, por exemplo, o Second Life e diferentes segmentos da educação (Educação Básica, Ensino Superior, aprendizagem corporativa); aberto - em termos de acesso, com exceção de alguns MOOCs, isto é, aqueles ofertados por empresas com fins lucrativos; online - pois a maior parte das atividades voltadas para o aprendizado (conteúdo e interações) ocorre exclusivamente de maneira online. Em alguns casos, os estudantes organizam reuniões físicas; curso - os MOOCs têm um período definido de início e término, os cursos podem disponibilizar arquivos, momentos de interações sociais em fóruns e blogs, dentre outros.

Em relação aos MOOCs, compreendemos que tratam-se de uma categoria de cursos virtuais de nível universitário, os quais são ofertados por diversas plataformas, muitos destes são gratuitos, sendo este um dos motivos para atrair um elevado número de estudantes. A Coursera e a edX são exemplos de plataformas que oferecem MOOCs desenvolvidos por universidades consideradas de excelência no nível de Ensino Superior.

A respeito das redes sociais, acreditamos que as mesmas podem ser utilizadas para a mediação de estudos, troca de informações, esclarecimento de dúvidas,

compartilhamento de materiais (vídeos, artigos, notícias, links...) que auxiliem no desenvolvimento de estudos/aprendizados dos envolvidos no processo educativo. Pois, ao estar conectado às redes sociais o indivíduo está em constante estado de comunicação, nesse sentido, cada conexão e cada comunicação dão um sentido novo e diferente para a rede e para as questões interculturais que podem ser percebidas pelo contato com indivíduos de diferentes locais por meio da rede.

Portanto, em diversos lugares (em casa, em sala de aula, na biblioteca...) as tecnologias digitais podem valorizar o trabalho em grupo e desenvolver a comunicação, a interação, a reflexão e o pensamento crítico - habilidades estas preconizadas pela Educação para Cidadania Global (ECG). Compreendemos que as tecnologias podem favorecer a internacionalização da Educação Superior em casa, contribuindo para romper barreiras entre as universidades do mundo e a construção de conhecimentos de todos os estudantes.

Internacionalização da Educação Superior em Casa (IeC)

O conceito de internacionalização da Educação Superior, embora tenha começado a ganhar ênfase no contexto educacional a partir da década de 1990, ainda não é unívoco, uma vez que engloba diferentes contextos e culturas e que os estudos a respeito da temática ainda são muito recentes. Para Knight (2003), a internacionalização nos níveis nacional, setorial e institucional é definida como o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural e/ou global com os propósitos, funções e implementação da educação em nível superior.

Embora a internacionalização da Educação Superior ainda esteja muito relacionada exclusivamente à mobilidade acadêmica, Knight salienta que há duas correntes interdependentes da internacionalização: a internacionalização no exterior, que diz respeito a todas as formas de mobilidade (de estudantes, professores, acadêmicos, programas, cursos, currículo e projetos), e a internacionalização em casa, que envolve atividades para desenvolver compreensão internacional e habilidades interculturais, a partir da internacionalização do currículo, para o contexto local e estudantes domésticos, os quais não realizaram a mobilidade. Corroborando com este assunto, Beellen e Jones (2015, p. 69) destacam que “A internacionalização em casa é a integração intencional de dimensões internacionais e interculturais ao currículo formal

e informal para todos os estudantes dentro de ambientes domésticos de aprendizagem”.

Visto que a mobilidade acadêmica não é para todos, pois há barreiras como o domínio de uma língua adicional, preparação acadêmica e recursos financeiros. Nesse sentido, Teekens (2013, p.1) aponta que “a principal preocupação de internacionalização em casa continua muito relevante hoje: o que fazemos com a grande maioria dos alunos, que não estão expostos à aprendizagem intercultural e à experiência internacional?”. Dessa forma, a internacionalização em casa é vista não como um alvo ou um conceito didático em si, mas, sim como um conjunto de instrumentos e atividades "em casa" que visam desenvolver competências internacionais e interculturais em todos os alunos (BEELEN; LEASK, 2011, p.5). Assim, a leC trata-se de uma forma mais democrática de internacionalização da educação superior, uma vez que, não limita as experiências interculturais e internacionais apenas àqueles que realizam a mobilidade, mas oportuniza essas vivências a todos os estudantes.

Dentre as possibilidades de internacionalização em casa, estão alguns instrumentos pedagógicos que possibilitam a implementação da leC, tais como o uso de literatura comparativa internacional, palestras convidadas por palestrantes da cultura local, grupos ou empresas internacionais, palestrantes e professores convidados de universidades parceiras internacionais, estudos e práticas de casos internacionais, envolvimento com grupos culturais e internacionais locais, além da aprendizagem digital e colaboração online.

A Associação Internacional de Universidadesⁱ (2012, p. 4-5) chamou todas as universidades para "afirmarem os valores subjacentes da internacionalização, os princípios e objetivos através da busca da internacionalização do currículo, bem como atividades extracurriculares para que os estudantes não-móveis, que são a esmagadora maioria, também possam se beneficiar da internacionalização e ganhar as competências globais de que precisam".

Cidadania Global

Embora não haja um consenso sobre a noção de cidadania globalⁱⁱ, há um entendimento comum de que essa cidadania não diz respeito a uma documentação, garantida pelo Estado-nação, mas refere-se a um pertencimento a uma comunidade

mais ampla, à humanidade como um todo. Essa ideia implica um modo de olhar para o outro, de se relacionar e de agir no espaço e no tempo que respeita a diversidade e o pluralismo, percebendo que a vida cotidiana de cada indivíduo conecta o local com o global, e vice-versa. (UNESCO, 2016).

Nessa perspectiva de cidadania global, há uma interconectividade entre os países e os cidadãos locais, o que gera um compromisso com o bem comum. Além de competências, habilidades e conhecimentos cognitivos, surge a necessidade de uma educação que contribua para a resolução de desafios globais, que promova o respeito mútuo.

A UNESCO (2015, 2016) aborda que a educação para a cidadania global sintetiza como a educação pode desenvolver habilidades, conhecimentos, valores e atitudes para um mundo mais justo, equitativo e sustentável. Reconhece, assim, o papel da educação em além de trabalhar conhecimentos e habilidades cognitivas, possa também contribuir na construção de valores e atitudes que facilitem a cooperação, nacional e internacional, e promovam a transformação social.

A interconexão e a interdependência entre os países exigem indivíduos (e, portanto, cidadãos) reflexivos, questionadores e conscientes, capazes de discutir sobre a humanidade e seus desafios - pobreza, guerras, mudança climática, saúde, distribuição populacional, desigualdade, injustiça – e capazes de buscar soluções para esses problemas. As redes sociais e as tecnologias de informação e comunicação, por exemplo, são oportunidades para atitudes de colaboração, cooperação e aprendizagem compartilhada, favorecendo o desenvolvimento do sujeito cidadão-global.

Embora as tecnologias digitais tenham expandido as oportunidades de liberdade de expressão e de mobilização social, cívica e política, estas também suscitam sérias preocupações. Exemplos de mau uso da internet, tecnologia celular e redes sociais podem variar de cyberbullying à atividade criminosa e/ou terrorista (UNESCO, 2016). Assim sinaliza-se a necessidade de formação dos estudantes para lidar com o lado obscuro da convivência global online, a fim de impedir a sua utilização excessiva, abusiva e maléfica. Para tanto, os docentes, também, devem preparar as novas gerações de estudantes para utilizarem as tecnologias digitais com ética, respeito e responsabilidade social.

Sendo assim, a internacionalização em casa pode ser compreendida como um meio para a formação do cidadão global, uma vez que oportuniza, para todos os estudantes, experiências interculturais, de trocas de conhecimento, de vivência da diversidade e de trabalho coletivo em busca de soluções para problemas globais.

Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa e apresenta como procedimento a análise textual discursiva (ATD). Segundo Moraes e Galiazzi (2014) a pesquisa qualitativa tem por finalidade aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa das informações coletadas.

Para os autores mencionados, a análise textual discursiva se refere a um tipo de método para analisar dados e informações textuais de natureza qualitativa, visando à produção de novas compreensões sobre determinados fenômenos e discursos. A ATD tem por característica o desenvolvimento de um processo auto-organizado, ou seja, as compreensões do investigador se reconstróem mediante o corpus no qual está sendo estudado. Desta forma novos sentidos e significados são atribuídos, de maneira gradativa, a respeito do objeto a ser conhecido.

Assim, Moraes e Galiazzi (2014) destacam que se torna relevante que o pesquisador tenha um intenso envolvimento e impregnação constante para que seja possível realizar o aprofundamento dos estudos em relação aos materiais que se propôs analisar, possibilitando novas compreensões sobre os fenômenos investigados. O processo auto-organizado da ATD se dá em torno de quatro elementos principais, a saber: unitarização (desmontagem dos textos), categorização (estabelecimento de relações), produção de metatextos (captando o novo emergente, sendo possível por meio de uma compreensão renovada do todo) e comunicação (válida e consistente das novas compreensões).

Neste sentido, com o objetivo de analisar as contribuições das tecnologias digitais para a internacionalização da Educação Superior em casa e a construção da cidadania global, utilizamos um questionário online denominado Google Docs, contendo sete questões abertas, sendo que os participantes do estudo são 17 estudantes de um Programa de Pós-graduação em Educação de uma universidade situada ao sul do Brasil.

Este Programa de Pós-graduação em Educação é constituído por 17 docentes (permanentes e colaboradores) e atende aproximadamente 110 estudantes. Tal instituição de Educação Superior disponibiliza oportunidades de mobilidade por meio de programas governamentais, além de parcerias interinstitucionais. Ainda possui um Portal Internacional que permite aos gestores, docentes, discentes e técnico-administrativos a leitura de diversos conteúdos, a reflexão sobre a internacionalização e suas múltiplas visões, e informações sobre as oportunidades de mobilidade acadêmica, os convênios e pesquisas internacionais. Para esta unidade educativa a internacionalização se constitui na abertura da universidade para os desafios contemporâneos, sendo um facilitador das interações entre as variadas culturas e diferentes visões de mundo.

De acordo com Gil (2002) a elaboração do questionário deve ser realizada por meio de perguntas relacionadas ao problema proposto e aos objetivos da pesquisa. Assim, elaborou-se o questionário, o qual foi composto por sete perguntas dissertativas, que versaram sobre o entendimento a cerca da Internacionalização da Educação Superior em Casa, bem como a percepção do participante sobre a sua importância para a educação. Outras questões envolveram a contribuição das tecnologias digitais e o seu potencial para favorecer a construção da cidadania global e promover ações de internacionalização, bem como as experiências dos participantes envolvendo as temáticas citadas.

No questionário, o modelo de resposta disponibilizado aos participantes do estudo foi do tipo parágrafo (resposta longa). Em suma, as questões contidas no questionário estão relacionadas aos conceitos de Internacionalização da Educação Superior em casa, Tecnologias digitais e Cidadania global.

A seguir será apresentado o metatexto da Análise Textual Discursiva (ATD), explicitando as relações entre as categorias que obtivemos, a fim de chegar a um argumento aglutinador do todo e à produção de novos significados.

Discussão e Resultados

Para analisar as respostas dos participantes deste estudo, seguimos rigorosamente as etapas da Análise Textual Discursiva (ATD). Primeiramente, realizamos a desconstrução do corpus em unidades de sentido, catalogando-as com um código específico, como, por exemplo: E2 - P1 - U1a – U1b. Dessa forma, ‘E’ significa

entrevistado e o número o identifica como o primeiro, 'P' significa pergunta e o número se refere a qual pergunta foi respondida com aquela unidade de sentido, e 'U' representa a unidade de sentido em relação à pergunta realizada. No caso do exemplo, a resposta do participante para a pergunta 1 foi dividida em duas unidades de análise: U1a e U1b.

Depois, partimos para a unitarização, que consiste na fragmentação do texto em unidades de sentido e na reescrita de cada unidade de modo que estas assumam um significado completo e coerente com os trechos originais. Também atribuímos um título ou pequena síntese para cada unidade produzida, a fim de facilitar o processo de categorização. Assim, realizamos a comparação dessas unidades de sentido, agrupando-as por elementos e significados semelhantes, formando então as categorias de análise.

Para este estudo, utilizamos o método de categorização a priori, isto é, a partir do método dedutivo construímos categorias "a priori", advindas das teorias que fundamentam o trabalho e as perguntas do questionário. Nesse sentido, organizando conjuntos de elementos semelhantes, reunimos categorias primárias, intermediárias e finais.

Desse modo, chegamos a três categorias finais, a saber: internacionalização em casa, tecnologias digitais e cidadania global. Portanto, para a elaboração deste estudo, nos debruçamos sobre essas três categorias, visto que possibilitam o desenvolvimento de argumentos para nosso problema e/ou objetivo de pesquisa, ou seja, investigar como as tecnologias digitais podem contribuir para a internacionalização da Educação Superior em casa e a construção da cidadania global.

Conceito de Internacionalização em Casa

Para os entrevistados da pesquisa, a internacionalização da Educação Superior em casa envolve instituições locais, parceiros e redes internacionais e possibilita a troca de experiências e perspectivas interculturais, internacionais e globais sem sair do local em que se vive, possibilidade esta que se dá através das tecnologias.

Em relação à dimensão intercultural, é importante ressaltar que todas as pessoas existentes no mundo são oriundas de uma determinada cultura, desta forma compreender a sua própria e outra/s cultura/s pode contribuir para todos os cidadãos

terem um mundo mais justo e pacífico. Para tanto, torna-se necessário que as pessoas aprendam principalmente a respeitar suas diferenças.

Segundo Ramos (2007) a experiência da alteridade e da diversidade fazem parte da interculturalidade e da educação, implicando um novo paradigma e abordagem. Sendo que, o paradigma intercultural desafia os paradigmas tradicionais em educação, colocando assim novos desafios teóricos e metodológicos ao nível da pesquisa, da intervenção e da formação.

Neste sentido, a autora referida salienta que a abordagem intercultural implica diversas constatações e perspectivas:

- uma constatação de ordem sociológica, levando em consideração que a maioria das nossas sociedades são e serão cada vez mais multiculturais;
- uma opção de ordem ideológica, pois a multi/interculturalidade é, potencialmente, uma riqueza para o conjunto da sociedade;
- uma visão estratégica, isto significa que para passar do multiculturalismo ao interculturalismo, existe necessidade de promover a relação entre as culturas, entretanto, sem anular a identidade de cada uma delas;
- uma perspectiva interdisciplinar, na medida em que questões relacionadas ao domínio intercultural se referem a objetos complexos, plurais, heterogêneos e pluridimensionais, que não podem ser reduzidos a uma única abordagem disciplinar;
- uma perspectiva sistêmica e multidimensional, havendo necessidade de uma visão global e interacionista das variadas problemáticas, à construção de um pluralismo comum, implicando o reconhecimento das pessoas e das culturas e a integração das representações e das práticas educacionais nos contextos ecológicos, familiares, socioeconômicos, culturais em que estão imersas e, também, no projeto político vigente na sociedade;
- um processo dinâmico e dialético, onde o intercultural implica a tomada de consciência da alteridade e da diversidade, das identidades individuais e coletivas, das interações entre os sujeitos e os grupos e, das relações entre o eu e o outro;
- uma perspectiva psicossocial e pedagógica, visto que as problemáticas interculturais acarretam em implicações para o desenvolvimento de competências culturais, sociais, pedagógicas, comunicacionais, de competências individuais e de cidadania, que possibilitem interações sociais de maneira harmoniosa entre os indivíduos e as culturas

e que propiciem a conscientização cultural, a comunicação e o diálogo intercultural e o funcionamento democrático das sociedades;

- uma perspectiva sociopolítica, dado que o interculturalismo não se refere apenas a um objetivo em si, por tratar-se também de um instrumento para promover a coesão social, o exercício da cidadania, a igualdade de oportunidades e uma integração adequada das pessoas pertencentes a outras culturas e minorias étnico culturais.

É importante ressaltar que Beelen e Jones (2015, p. 63) consideram que “Para a internacionalização em casa, o ensino e a aprendizagem internacional e intercultural no campus doméstico é o principal objetivo, independentemente de a experiência do aluno ser melhorada pela mobilidade”. Isto vai ao encontro das ideias apresentadas pelo participante “E2”, que ao ser questionado sobre seu entendimento do conceito de Internacionalização em Casa, afirma:

Internacionalização em casa é um subconjunto da internacionalização do currículo que busca trazer as perspectivas interculturais, internacionais e/ou globais para os estudantes ‘de casa’. (E2 - P1 - U1a).

O participante “E1” ainda complementa o conceito ao afirmar que,

É um processo de internacionalização que envolve a instituição local com parceiros e redes internacionais, além da internacionalização do currículo. (E1 - P1 - U1).

O participante “E6” destaca a importância da internacionalização em casa integrar a comunidade acadêmica, sendo:

Um movimento que as instituições educacionais fazem dentro de suas jurisdições, a fim de preparar os alunos, profissionais e servidores para fazer parte de um programa integrado entre universidades de outros países. (E6 - P1 - U1).

A resposta do entrevistado “E10” também ressalta a questão das parcerias com universidades estrangeiras:

Entendo a internacionalização da Educação Superior em casa como uma possibilidade de internacionalizar o ensino e a pesquisa sem a necessidade de deslocamento para outros países, ou seja, trazendo conteúdos e pesquisas para serem compartilhados e discutidos na nossa universidade, através de parcerias com instituições de Ensino Superior estrangeiras. (E10 - P1 - U1).

A importância da internacionalização em casa

Considerando as questões discutidas anteriormente, compreende-se que a internacionalização em casa (doméstica) pode ser definida por atividades acadêmicas

internacionais, as quais resultam em novas oportunidades educativas sem haver mobilidade tanto de docentes, quanto de estudantes nacionais para outro país.

Diante disso, consideramos relevante apresentar o entendimento do entrevistado “E4” a respeito da importância da IeC:

Parece estar relacionada às diferentes possibilidades na formação dos sujeitos universitários, tanto na área específica do conhecimento, quanto às possíveis vivências internacionais. Além do contato com diferentes sujeitos imersos em outras culturas. A importância da internacionalização da Educação Superior está pautada na troca entre os sujeitos imersos em culturas diversas. (E4 - P2 - U2).

O participante “E2” menciona que a internacionalização em casa atende todos os estudantes e não somente aqueles que falam a língua inglesa e/ou têm condições de realizar a mobilidade acadêmica:

Pois o processo de mobilidade não é uma realidade para todos (em função dos altos custos, do tempo, etc.). (E2 - P2 - U2a).

Além disso, destaca a importância da IeC afirmando que:

Este processo leva em consideração diversos aspectos da formação dos estudantes referente às competências que devem ser desenvolvidas pelos mesmos e são essenciais para a realidade em que estamos inseridos (saber lidar e respeitar com as diferenças culturais, econômicas, raciais, religiosas etc). (E2 - P2 - U2b).

Nesse sentido, a internacionalização em casa dá ênfase não tanto as habilidades e perspectivas de qualificações econômicas e instrumentais necessárias numa economia globalizada, mas também as qualificações de aprendizagens éticas e responsáveis, reconhecendo que o ser humano é social e cultural, bem como um ser com necessidades econômicas, o qual pensa localmente, nacionalmente e globalmente (ALTBACH, 2013), isto é, a internacionalização em casa coloca ênfase no desenvolvimento do indivíduo como cidadão global.

As possibilidades da internacionalização da Educação Superior em casa

Segundo o entrevistado “E4”, as tecnologias digitais podem ser utilizadas de maneira articulada em atividades curriculares propostas para favorecer a internacionalização em casa, especialmente na promoção de encontros. E relata sua experiência positiva:

Acabei fazendo alguns cursos utilizando plataformas digitais de instituições estrangeiras, alguns em especial possibilitaram que eu tivesse acesso a culturas diferentes das minhas, como a inglesa; além do contato que tive com outros alunos que puderam compartilhar suas experiências comigo, admito que me senti pertencente a uma

comunidade muito maior que as colocadas pelas fronteiras do Brasil. (E4 - P6 - U6).

O participante afirma que, em um primeiro movimento, há necessidade de fomentar nos alunos o rompimento de barreiras geográficas, estimular o contato com diversas culturas para compreenderem que também pertencem a estas, visto que vivemos no mesmo planeta e que a cultura é multifacetada, podendo ser expressa de várias maneiras. Para ele, as tecnologias digitais são possibilidades para auxiliar os indivíduos nessa viagem pelo mundo (imersão em culturas diferentes, troca de experiências e conhecimentos, sentimento de pertencimento a uma rede globalizada).

O entrevistado “E2” revela acerca do uso tecnologias digitais em experiências de estudo com um professor estrangeiro, ou seja:

[...] tive oportunidade de escrever um artigo com um professor de outro país e além das trocas de e-mail, nos encontramos algumas vezes por skype para debater o trabalho. (E2-P6-U6a).

O entrevistado “E2” acredita que a tecnologia reduz as distâncias entre as pessoas e permite a utilização de aplicativos, aulas virtuais e informações que em outra época não seria possível, e, a partir dessas informações, pode-se buscar exemplos positivos e negativos e soluções conjuntas para os problemas da realidade. Entretanto, destaca uma dificuldade enfrentada pelo Brasil:

Um dos grandes problemas é a melhoria da qualidade da internet em nosso país. (E2 - P6 - U6b).

O participante “E1” também relata questões semelhantes, pois acredita que há dificuldades das pessoas na compreensão de outro idioma e no uso de tecnologias.

Ao ser questionado sobre o que é necessário para as instituições de Ensino Superior possibilitarem a internacionalização em casa, o entrevistado “E2” afirma que é necessário haver formação de professores para explicar os objetivos do uso das tecnologias digitais e da internacionalização em casa, pois ela vai além do uso do Inglês e da mobilidade acadêmica. Nesse sentido, as exigências do mundo contemporâneo impulsionam um redimensionamento no exercício docente para atender as demandas impostas pela sociedade do século XXI (MASETTO, 2013).

Em relação à formação do docente, a mesma é concebida como um processo de transição, de metamorfose interna, de reorientação e transformação pessoal, que por sua vez, esclarece uma nova maneira de compreender, sentir e atuar, desse modo

os professores em particular, envolvidos ativamente na sua própria formação pessoal e profissional, comportam-se como sistemas adaptativos complexos, auto-organizativos e interconectados, com liberdade para atuar com graus de liberdade e criatividade (GÓMEZ, 2015).

O autor referido aborda que é primordial que os futuros profissionais vivam a complexidade, a incerteza e a tensão da vida real da sala de aula e da instituição de ensino, porém com o acompanhamento de profissionais especialistas para orientar a sua formação e a sua atuação, proporcionando conhecimento alheio relevante e provocando a reflexão a respeito da situação, da ação e das consequências da ação. Sendo que, os programas de formação docente devem criar, de forma ativa e contínua, cenários e projetos educativos inovadores, nos quais os aprendizes tenham a oportunidade de experimentar a ação docente em sua complexidade, variabilidade e incerteza, compreendendo os seus pontos fortes e fracos pessoais e profissionais para o desenvolvimento de tal área. Assim, o exercício prático deverá oportunizar a experiência, o fazer do ensino e auxiliá-los a aprender a como ajudar a aprender.

Além disso, destaca que podem ser agrupadas em três competências profissionais consideradas básicas que sustentam os programas mais inovadores de formação de docente:

- competência de planejar, desenvolver e avaliar o ensino, visando incentivar o desenvolvimento das qualidades humanas desejáveis nos estudantes;
- competência para criar e manter contextos de aprendizagem abertos, flexíveis, democráticos e ricos culturalmente, buscando incentivar por meio de um clima positivo de aprendizagem; e,
- competência para promover o próprio desenvolvimento profissional e a formação de comunidades de aprendizagem com os colegas e com outros agentes envolvidos na educação.

Em suma, as competências se referem a sistemas de compreensão e de ação e, desse modo, incluem saber pensar, saber dizer, saber fazer e querer fazer. Sendo assim, o compromisso e a participação ativa do docente é o ponto chave para o desenvolvimento de seu trabalho e para o seu desenvolvimento profissional (GÓMEZ, 2015).

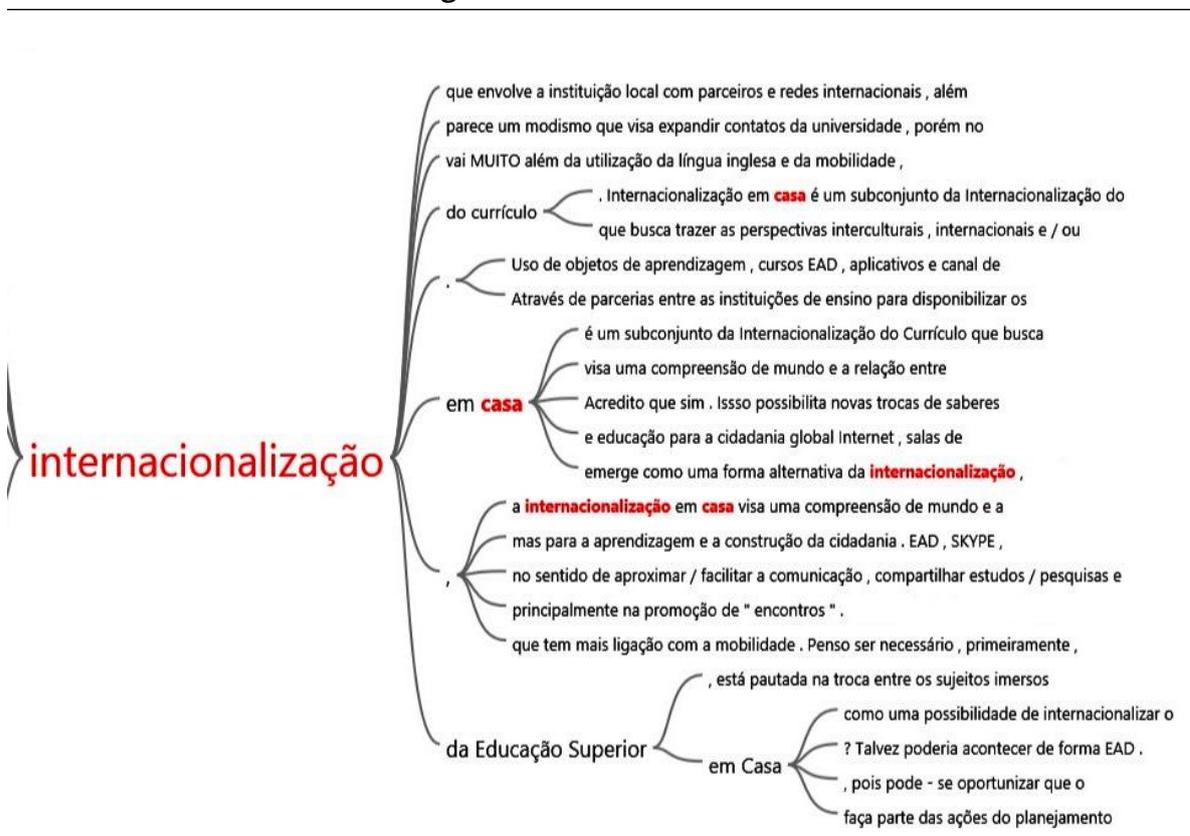
Já o entrevistado “E13” traz à tona outra problemática, destacando que é necessário, primeiramente, levar os alunos à compreensão do conceito de internacionalização em casa e de sua importância. Além disso, afirma que é preciso:

Trabalhar com o que nossas possibilidades de país nos oferecem, pois replicar formas de ensinar de países desenvolvidos não cabe e não fará sentido em países como Brasil se não for pensado e trabalhado dentro da nossa realidade e das nossas reais necessidades. (E13 - P7 - U1).

A temática da internacionalização em casa - e de suas possibilidades e desafios - portanto, precisa ser debatida cada vez mais no contexto acadêmico, a fim de qualificar o contexto local (estrutura da universidade, currículo, formação docente, objetivos) para, então, partir para o contexto global e internacional.

Para exemplificar o exposto, na Figura 1 é apresentada a seguir a Árvore de Palavras constante das três categorias ora analisadas, a qual foi gerada com auxílio do Software NVivo.

Figura 1 – Árvore de Palavras



Fonte: Elaborado pelas autoras com auxílio do Software NVivo.

A Figura 1 apresenta as relações, presentes nas falas dos sujeitos, a cerca da internacionalização. A partir desta árvore de palavras podemos perceber certa dicotomia entre as visões dos participantes em relação em relação a

internacionalização. É possível observar que alguns participantes entendem ser uma parceria de envolver instituições e redes internacionais e que está pautada na troca entre os sujeitos, porém, vemos, ainda, que aparece a questão do modismo envolvendo as ações de internacionalização. Ainda podemos depreender que alguns participantes fazem distinção entre a internacionalização em casa e do currículo e percebem a importância de fazer parte das ações de planejamento institucional que podem, também, estar relacionadas com atividades a distância.

É importante ressaltar que as tecnologias digitais fazem parte do cotidiano das pessoas, pois costumamos utilizá-las em diferentes contextos e momentos do nosso dia a dia, por inúmeros motivos, bem como para nos comunicar, nos mantermos informados, realizarmos trabalhos e pesquisas, entre outros. Dessa forma, compreende-se que as tecnologias digitais têm sido consideradas uma necessidade no mundo em que vivemos e, por este motivo, o uso destes instrumentos tem sido cada vez mais comum.

Portanto, os aspectos apresentados pelos participantes em relação à tecnologia e internacionalização da educação vão na direção de que a internacionalização em casa é uma oportunidade para ampliar a visão e a ação das instituições, oportunizando aos seus estudantes vivências com o apoio de tecnologia, parcerias com instituições internacionais, bem como promover a educação para a cidadania global. Sendo as tecnologias digitais e a EaD uma real possibilidade de acesso a internacionalização para os estudantes que, por meio apenas da mobilidade acadêmica, não teriam essa oportunidade.

Considerações Finais

Na atualidade, sabe-se que a internacionalização por mobilidade acadêmica pode ser vantajosa aos universitários, pois por intermédio dela pode-se adquirir ou ampliar os conhecimentos acerca de alguma língua estrangeira, cultura, religião, política e formas de trabalho, por meio de um diferente contexto sociocultural. Contudo, a oportunidade de realizar este tipo de internacionalização ainda é restrita a um número limitado de acadêmicos, pois vários fatores podem interferir, de modo a impedir que a mobilidade acadêmica se concretize, dentre eles pode-se destacar, a falta de recursos financeiros, a falta de informação, a falta de coragem, o fato de não

ter direito ao afastamento do trabalho, o medo de se ausentar do trabalho e de deixar a família por um período de tempo, a falta de fluência em outros idiomas.

Levando em consideração as dificuldades apontadas, outro tipo de internacionalização como, por exemplo, a internacionalização em casa pode vir a contribuir para a formação de todos os universitários, já que a mesma pode acontecer por meio das tecnologias e parcerias internacionais (palestras, grupos de estudo, pesquisas integradas, entre outros) auxiliando assim no desenvolvimento de competências e habilidades internacionais e interculturais necessárias aos acadêmicos/cidadãos do século XXI, visto que, no mundo globalizado, interdependente e interconectado de hoje, torna-se cada vez necessário ser um cidadão global.

Para isto se concretizar, é fundamental que as instituições de Ensino Superior cooperem e pensem em alternativas para que a internacionalização da Educação Superior em casa possa de fato se desenvolver, oportunizando a todos os estudantes a construir novos conhecimentos, por meio de trocas de experiências e de informações, partilha de ideias, trabalho e pesquisa realizados de maneira colaborativa, qualificando assim a formação ofertada aos mesmos.

Com este estudo foi possível perceber que as tecnologias digitais podem ser uma alternativa para favorecer a internacionalização da Educação Superior em casa, rompendo barreiras existentes entre as mais variadas instituições de Ensino Superior no mundo em que vivemos, possibilitando assim a construção de aprendizagens significativas por todos os estudantes para atuarem no contexto local e global.

Sendo assim, compreende-se que o estudante da Educação Superior precisa ter oportunidade de ser/estar inserido em um processo formativo coerente/contextualizado que propicie o compartilhamento de saberes e experiências com pessoas de outras partes do mundo, internacionalizando a maneira de pensar; a exploração e construção de conhecimentos científicos e culturais; agregar novos conhecimentos, auxiliando no desenvolvimento da autonomia, criatividade, inovação e criticidade; estabelecer contatos com pessoas de outras regiões do mundo. Para tanto, é necessário que as instituições de Ensino Superior encontrem formas de integrar as tecnologias aos procedimentos metodológicos adequados, buscando desenvolver

experiências pedagógicas significativas, por meio da IeC, que fomentem a educação para a cidadania global.

Referências

ALTBACH, Philip. **Os papéis complexos das universidades no período de globalização.** GUNI. Educação superior em um tempo de transformação: novas dinâmicas para a responsabilidade social. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

INTERNATIONAL Association of Universities. **The Global Voice of Higher Education.** Disponível em: <<https://www.iau-aiu.net/>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

BEELEN, J., & JONES, E. (2015). Redefining internationalization at home. In A. Curai, L. Matei, R. Pricopie, J. Salmi & P. Scott (Eds.), **The European Higher Education Area: Between critical reflections and future policies.** Dordrecht: Springer, pp. 59-72, 2015.

BEELEN, J., & LEASK, B.. **Internationalization at home on the move.** Berlin: Dr. Josef Raabe Verlag, 2011.

CAPES. **A internacionalização na universidade brasileira:** resultados do questionário aplicado pela Capes. Brasília: Capes/DRI, outubro 2017.

COURSERA. **Welcome to Coursera.** Disponível em: <<https://youtu.be/PojLL3E-zko>> Acesso em: 09 mar. 2019.

EDX. **The Future of Online Education.** Disponível em: <<https://youtu.be/MJZN70oYSoo>> Acesso em: 09 mar. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **Educação na era digital:** a escola educativa. Penso Editora, 2015.

IAU, International Association of Universities. **Affirming academic values in internationalization of higher education:** A call for action. Paris: IAU, 2012.

JOHANN, Jorge Renato. **Educação e ética:** em busca de uma aproximação. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

KNIGHT, Jane. **Updating the Definition of Internationalization.** International Higher Education, Centre for International Higher Education, Boston College, 2003.

MASETTO, Marcos. **Docência na universidade.** Papirus Editora, 2013.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual:** discursiva. Editora Unijuí, 2014.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus Editora, 2007.

RAMOS, Natália. **Sociedades multiculturais, interculturalidade e Educação:** Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. Revista Portuguesa de Pedagogia, p. 223-244, 2007.

SANTOS, Pricila Kohls dos. **Permanência na Educação Superior:** desafios e perspectivas. Brasília: Cátedra UNESCO e Juventude, Educação e Sociedade, 2020.

SANTOS, Pricila Kohls dos; GIRAFFA, Lucia Maria Martins. Trajetórias personalizáveis como estratégia para diminuir o abandono estudantil na Educação Superior a Distância/Customizable trajectories as a strategy to reduce student dropout in Higher Distance Education. **Revista Internacional de Aprendizaje en la Educación Superior**, v. 4, n. 1, 2017.

SIEMENS, George. Massive open on-line courses: Innovation in education? **Open educational resources: Innovation, research and practice.** UNESCO, p. 5-15, 2013.

TEEKENS, H.. **Internationalization at home:** Crossing other borders. University World News (276), 2013, June 15. Retrieved from www.universityworldnews.com

UNESCO. **Educação para a cidadania global:** preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: UNESCO, 2015.

UNESCO. **Educação para a cidadania global:** tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO, 2016.

UNESCO. **Repensar a educação:** rumo a um bem comum mundial? Brasília: UNESCO Brasil, 2016.

WIT, Hans de. **Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe:** a historical, comparative and conceptual analysis. USA: Massachusetts/Boston College, 2002.

Notas

ⁱ The International Association of Universities, created under the auspices of UNESCO in 1950, is a membership-based organisation serving the global higher education community through: expertise & trends analysis, publications & portals, advisory services, peer-to-peer learning, events, global advocacy. **Fonte:** <https://www.iau-aiu.net/>

ⁱⁱ Também chamada de *cidadania sem fronteiras* ou *cidadania além do Estado-nação*.

Sobre as autoras

Karen Graziela Weber Machado

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Tecnologias Digitais, Internacionalização e Permanência Estudantil (GeTIPE). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), por meio de concessão de bolsa para a realização do doutorado da autora.

E-mail: karengraziela@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5115-8989>

Pricila Kohls dos Santos

Doutora em Educação pela PUCRS. Docente e Pesquisadora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília. Líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Tecnologias Digitais, Internacionalização e Permanência Estudantil (GeTIPE).

E-mail: pricila.kohls@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3349-4057>

Camila Schwanke Costa

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

E-mail: camilaschwanke@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2615-9813>

Recebido em: 05/11/2019

Aceito para publicação em: 10/12/2019